

MARGARET
ATWOOD
VULGO
GRACE

TRADUÇÃO
GENI HIRATA

Rocco



Peônias crescem em meio aos cascalhos. Irrompem pelos seixos cinzentos soltos, os botões testando o ar como olhos de caracóis, depois inflam e se abrem, enormes flores vermelho-escuras, lustrosas como cetim. Então explodem e caem no chão.

No momento imediatamente anterior à sua desintegração, parecem-se com as peônias do jardim do sr. Kinneer, naquele primeiro dia, só que aquelas eram brancas. Nancy as cortava. Usava um vestido claro com botões de rosas, cuja saia tinha três camadas de babados, e um chapéu de palha que escondia seu rosto. Carregava uma cesta plana para colocar as flores; inclinava-se a partir dos quadris, como uma dama, mantendo a cintura reta. Quando nos ouviu e virou-se para olhar, levou a mão à garganta, sobressaltada.

Abaixo a cabeça enquanto caminho, acompanhando o passo das outras, olhos baixos, duas a duas, silenciosamente ao redor do pátio, dentro da área quadrada formada pelos altos muros de pedra. Minhas mãos estão entrelaçadas diante de mim; estão secas e rachadas, as juntas avermelhadas. Não me lembro de nenhuma época em que não estivessem assim. As pontas dos meus sapatos entram e saem de baixo da barra da minha saia, azul e branco, azul e branco, triturando os cascalhos do caminho. Nunca tive outros sapatos que me calçassem tão bem.

É 1851. Farei vinte e quatro anos no meu próximo aniversário. Estou trancada aqui desde os dezesseis. Sou uma prisioneira exemplar e não dou nenhum trabalho. É o que diz a mulher do governador do presídio, eu a ouvi afirmar isso. Sou muito hábil em ouvir a conversa alheia. Se eu for bastante cordata e bastante sossegada, talvez afinal me deixem ir; mas não é fácil ser boa e pacata, é como estar agarrada à beirada de uma ponte depois de você já ter caído por cima do parapeito; parece que você não se mexe, fica apenas ali pendurada e, no entanto, o esforço exige toda a sua força.

Observo as peônias pelo canto dos olhos. Eu sei que não deveriam estar ali: é abril e peônias não florescem em abril. Surgem mais três agora, à minha frente, brotando bem no meio do caminho. Disfarçadamente, estendo a mão para tocar uma delas. Dá a sensação de ser seca e percebo que é feita de pano.

Então, mais à frente, vejo Nancy, de joelhos, com os cabelos despendidos e o sangue escorrendo para dentro dos olhos. Ao redor do pescoço, há um lenço de algodão branco estampado com flores azuis, cabelos-de-vênus, o lenço é meu. Ela está erguendo o rosto, estendendo as mãos para mim, pedindo misericórdia; nas orelhas, traz os pequenos brincos de ouro que eu costumava cobiçar, mas que já não invejo, Nancy pode ficar com eles, porque desta vez tudo será diferente, desta vez correrei em seu auxílio, eu a levantarei e limparei seu sangue com minha saia, rasgarei uma tira da minha anágua para fazer uma atadura e nada disso terá acontecido. O sr. Kinnear chegará em casa à tarde, virá cavalgando pelo caminho de entrada, e McDermott pegará o cavalo; o sr. Kinnear irá para a sala de estar, eu farei café e Nancy o levará para ele numa bandeja, como gosta de fazer, e ele dirá Que café gostoso; à noite, os vaga-lumes surgirão no jardim e haverá música, à luz de lâmpões. Jamie Walsh. O rapaz da flauta.

Estou quase alcançando Nancy, onde ela está ajoelhada. Mas não quebro o ritmo dos meus passos, não corro, continuo a andar, dois a dois, e então Nancy sorri, apenas a boca, seus olhos estão ocultos pelo sangue e pelos cabelos, mas logo ela se desfaz em manchas coloridas, um punhado de pétalas de tecido vermelho espalhado pelas pedras.

Cubro os olhos com as mãos porque repentinamente tudo escurece, um homem está ali parado com uma vela, bloqueando a escada que leva ao andar de cima, e as paredes do porão me rodeiam e eu sei que jamais conseguirei sair dali.

Foi isso que contei ao dr. Jordan, quando chegamos a essa parte da história.